***Eu não placebo nada disto***

Fala-se muito do tal comprimido azul, uns por troça, outros porque lhes dá jeito. Mas muitos desconhecem os efeitos de um comprimido composto por nada, um comprimido que resolve muitos problemas: o dito placebo. Mas antes de mais, de onde vem a palavra placebo? Segundo se diz, deriva do latim placere que significa “agradarei”. No entanto, está associado, na medicina, a uma substância neutra administrada em vez de medicamento e que desencadeia reações psicológicas, como a sensação cura, nos pacientes. Então isto significa que somos facilmente influenciados, psicologicamente, pelo nada? Então pagamos material reciclável – já que não passa de uma caixa, papel de alumínio e o plástico das cápsulas com um pó milagroso - como se fosse uma espécie de fármaco para problemas tão graves como são os que envolvem o nosso cérebro? De facto é uma “invenção” genial e até milagrosa. Só espero que agora as pessoas não pensem demasiado nisso quando tomam comprimidos senão a coisa pode ficar azeda ao achar que é uma treta e temos de arranjar uma vacina de ar ou água, ou algo pouco malicioso para nos curar dos nosso problemas “pouco físicos”. Mas também espero que o placebo, ao tirar-nos destes problemas da nossa cabeça, não nos deixe com a cabeça na lua. É que para gastar tostões em turismo espacial é preciso ser um bilionário. E no que toca a arranjar dinheiro, não há comprimido que nos safe. ***E por falar em dinheiro, ou na falta dele, não será que há muito placebo na nossa politica? É capaz de haver. Os nossos políticos insistem sempre em tentar “agradar” a população mas com movimentos inertes como o medicamento, palavras vazias.*** Os efeito é que, a meu ver, são um bocado contrários. Já não nos conseguem fazer uma lavagem cerebral, já não nos curam dos nossos males. Pelo contrário. Ou então nós já desconfiamos das receitas que eles nos tendem a passar e já não vemos nelas soluções. Vamos mas é meter ao comando da nossa pobre farmácia do governo, alguém ligado à medicina, para nos receitar destes medicamentos e, por conseguinte, nos resolver a crise. Ou então, podemos tentar produzir estes tipo de medicamentos – placebo anti-crise - para dar a todos os grandes homens que têm mão pesada no nosso país e, além criarmos postos de trabalho, podíamos mesmo resolver a nossa crise. Se tivermos de justificar a produção com mais um relatório a Angela Merkel, dizemos apenas que são feitos de nada e que não vamos fazer concorrência à Bayer. Estes dois argumentos têm tudo haver com o país. Mas é melhor não entrar em devaneios para placeberem onde quero chegar: a eficácia do fármaco. Falta apenas um bonito tout court para acabar este texto: a criação desta substância pode ser polémica, podem considerar enganosa ou até um pouco desconhecida, mas na verdade cura grandes males. E apesar de escrever isto tudo sobre um fármaco, chego ao fim com a consciência que não placebo mesmo nada de medicina.

*Rui Neves Moreira*

*2º Ano – Turma 4*